

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 8 do 3.º ANO

Redacção e Administração: Rua de Francisco Aguiar, 8

Guimarães, 20 de Agosto de 1925

Composição e impressão: Tipografia da Empresa de Publicidade

Rua do Maia -- FAFE

Fósforos

O governo acabou com o monopólio dos fósforos. Estava no seu direito e usou dele na hora própria, dizem uns, tarde, dizem outros. O que é verdade é que ninguém perdeu com tal medida, nem os operários, que contam com o auxílio do Estado, nem o consumidor, que se viu livre da porcaria perigosa que lhe ministravam sob os rótulos pomposos. As queixas contra a Companhia dos Fósforos eram constantes e não raras vezes a imprensa se fez eco delas.

Clamava-se contra os fósforos que não ardião, contra as caixas mal seguras e contra aquêles fósforos que, à mais leve fricção, esparrinhavam lume em todas as direcções. Enfim, todos concordavam em que era preciso pôr cêbro aquilo. Foi o que se fez e o resultado foi o que se está vendo: lucrou o Estado e lucrou o comprador, que é agora bem servido.

Pois, leitores, há alguém que por detrás de tudo isto, que é claríssimo, quere vêr novo escândalo; alguém, tão arguto, que vê nesta tão lícita medida o mais escuro dos negócios.

Não prova que o seja; mas, fúrio sem escrúpulos, vomita a insinuação e aproveita o assunto para dar mais uma navalha nos representantes do regime. E' que estes círcanos são bem piores do que os péssimos fósforos que a Companhia nos fornecia.

Bonda!

E com aquêles homens honrados, com aquêles estadistas de póipa, o país progredia que era mesmo um louvar a Deus.

Indústria, comércio e lavoura, tudo andava numa dobradoira e com tanta desenvoltura que até provocava o riso ao mais pachorrento dos caranguejos.

Nunca a nação saiu da cêpa torta com a tal sábia política dos Hintzes e dos Lucianos e o marasmo e a estagnação eram tão evidentes, que nacionais e estrangeiros zurziam a valer os causadores da nossa comprovada degenerescência.

Que saudades, ó deuses! Aquellas inteligências priveligiadas, aquelas sumidades, que deixaram a perder de vista Colbert e Pombal, Pitt e Turgot, só para o bem público trabalharem, e tanto e tanto, que... quartel general em Abrantes, ficou tudo como dantes.

Basta, sim, senhor; mas se basta de disparates políticos, basta também de esterever asneiras.

Bonda, senhor plumitivo.

Lede e propagai

"A Razão"

BOMBEIROS

Por tolerância tiro o chapéu quando assisto a um acto religioso; tiro-o com respeito quando por mim passa um entêrro ou eu passo por um cemitério e é com enternecimento e admiração que me descubro quando por mim passa a bandeira duma associação de bombeiros.

A meu vêr, é o Bombeiro quem melhor concretiza a abnegação, o espirito de sacrificio e tanto basta para que o olhemos com carinho e o tratemos com deferencia. Heróis da Paz alguém chamou a êsses homens, e eu não vi ainda que melhor título se ajustasse à grandiosidade da sua obra, à magnanimidade da sua missão.

O amor do próximo, sentimento nobilíssimo, que há tantos séculos a humanidade apregôa, defende e cultiva, encontra nêles, nêsses modestos, mas ousados — e até temerários, se é preciso sê-lo — obreiros do Bem, a sua mais alta expressão, o seu mais perfeito exemplo. E' por isso que eu me descubro com enternecimento e admiração ante a bandeira duma associação de bombeiros, a que alguém já chamou Heróis da Paz.

Tem Guimarães a sua Corporação de Bombeiros Voluntários e, deixem-me dizer-lhes, poucas terras da provincia, muito poucas, poderão rivalizar com Ela neste campo. Artistas na maior parte, é vêr a pressa como largam o seu ganha-pão, para acorrerem ao primeiro rebato, a presteza com que rodeiam os seus chefes e os acatam e lhes obedecem. Mais parece uma família, uma colmeia, se assim quizerdes, onde cada um tem o seu lugar marcado, a sua faina indicada, e vai para esse lugar, e dá-se á sua faina sem uma hesitação, através de todos os obstáculos e de todos os riscos.

São bravos e são disciplinados os nossos bombeiros. Podia citar nomes, eu que os tenho visto agir; mas, para quê? Não precisam de estímulo os devotados rapazes, nem carecem de emulação. Basta que diga que ainda não vi nenhum dêles fugir ao seu dever. Honra lhes seja feita.

Pois esta Corporação, que tão grandes serviços tem prestado e que por isso mesmo devia merecer o auxílio de todos, não tem a vida desafogada que devia ter, não dispõe dos meios materiais a que tem jus.

Não sei se ela dispõe do indispensavel para o cumprimento da sua sublime e difficil missão; mas sei que muito ha ainda a fazer para suprir as deficiencias do seu material. E não é com a generosidade de um ou de meia dúzia que isto se conseguirá, mas com o auxílio de todos nós, cada um conforme as suas posses.

O melhor estímulo, a melhor recompensa que podemos dar aos nossos bombeiros está precisamente nisso, em facilitar-lhes os meios de acção, e assim tornaremos dia a dia mais benéfica a obra da melhor instituição que aí temos e da qual, sem baírrismo o digo, nos podemos orgulhar. Por outro lado, velar pelos bombeiros, é zelar os nossos próprios interesses.

SONETO

A' gentil M. C. A. C.

Ontem, quando eu passei a tua porta,
Em que pensavas tu, formosa estrela
Para estares assim tristonha, absorta,
Entre as cortinas brancas da janela?

Sciçmavas? e a sciçmar eras mais bela:
Duma beleza que me prende e exorta
A que eu te siga—eterna sentinela!
Até ver na alma esta esperança morta.

Mas até lá até que eu veja um dia
Os castelos da minha fantasia
Rolar despedaçados pelo chão,

Deixa que eu vá buscar, como um mendigo,
A' luz bendita desse olhar amigo,
O Sentimento, a Graça, a Inspiração!

Bendita sejas tu!

A António Lôbo.

Bendita sejas tu, ó sepultura,
Onde meu corpo um dia ha-de baixar;
E onde em tarde de Abril serena e pura
O meu amor primeiro ha-de resar.

Bendita sejas tu! Ai quão escura
Esta vida tem sido ao meu pesar.
Entre trevas vivi! Que esta amargura
Um dia em ti, sepucro, vá findar.

Que em ti se vão findar os dissabores,
As decepções, as mágoas e as dôres
Que eu sinto em mim neste cruel momento.

Em ti quero habitar a vêr se alcanço
Que esta matéria vil ache descanso
Dormindo á noite ao gelido relento!

Ainda a excursão : dos orfeonistas :

Há certa imprensa que comprazendo-se em moer a paciência do público com a frívola sarnice do noticiário dos Victorinos, exagera ás vezes, vulgaríssimos incidentes, acompanhados de comentários sôrnas, e malévolos em que a levandade corre parelhas com o propósito de alarmar e mal dizer.

Assim, o «Comércio de Guimarães», com o sugestivo título de «Desastre» dá a impressão do despenhar sinistro dum camion em tremendos saltos pelos despenhadeiros do Marão, indo estatelar-se lá no fundo dos abismos desfeito em pó de gato com os passageiros feitos num bólo sem a alma se lhes aproveitar.

Travões e molas partidas, socorros de toda a parte, enfim um chorrilho de asneiras de a gôtte se ficar estarecido com os cabelos em pé a tremer como uma campainha de alarme.

E tudo isto porquê? Por uma simples *pana*, a simples fractura da caixa de rolamento das esferas do deferencial, coisa que succede vulgarmente a todos os carros, ainda os melhores, como vimos durante a viagem acontecer a dois automoveis, um dos quais da marca «Hotkiss» e de grande força.

O desastre foi de tal gravidade que os passageiros, entre os quais bastantes senhoras, continuaram dentro do camion, ou seguiam alegremente dançando pela estrada como osromeiros no regresso duma festa, durante as reparações. E como todos traziam os seus merendeiros, a vida corria tranqüila.

Mais ainda: As saudades da viagem são já tão intensas, que todos almejam lá voltar.

E isto diz tudo.

Noticiário

Já se encontra completamente restabelecido o nosso querido amigo, snr. Antão de Lencastre, muito digno agente do Banco de Portugal, nesta cidade.

—Encontra-se de luto pelo falecimento de uma sua sobrinha, o Ex.^{mo} Snr. Coronel Duarte do Amaral, illustre comandante do Regimento de Infantaria n.º 20.

—De visita a seu estremoso pai, encontra-se entre nós o nosso particular amigo e correligionário, Dr. José Pinto Rodrigues.

—Em goso de licença partiu para Fafe, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa, o nosso camarada de redacção, Tenente Gervásio Martins Campos de Carvalho.

—Tambem se encontra em Famicão, acompanhado de sua Ex.^{ma} Família, o nosso querido amigo, Dr. Filinto Elísio Vieira da Costa, illustre professor da Escola Industrial de Francisco de Holanda, desta cidade.

MILAGRE

A Teresinha é muito temente a Deus, embora se lembre mais vezes da corte celeste do que de quem a ela preside. Se lhe derem a lembrar, a Teresinha, que já vai para os 60, desfaz-se em relatos de maravilhas de milagres e que maravilhas de todos os habitantes da celestial mansão, sem se esquecer das amplas ferreduras que usava o cristianíssimo cavalo—só lhe faltava falar—de S. Tiago, nem das impias greihas em que foi reduzido a torturas o mártir S. Lourenço.

É uma bôca de ouro, a Teresinha, quando posta a discretar sobre as coisas santas, umas contadas na direita e a esquerda de baixo do avental, a comprimir o ventre bojudado, que ela sofre, desde a mocidade, do flato.

Um dia destes passava a velhota pela minha casa, contus na direita e a esquerda de baixo do avental, quando dum porta visinha alguém a saudou e convidou a justem fusturis—ao apeteçido aguçar de língua. Era a Mariquinhas da Fábrica, hoje devota até ali, mas que noutros tempos fez das costas moço de calcetário.

—Como passou, Teresinha? Parece que vai tão triste...

—Agora!... É que ia ali abaixo. Olhe: e a do meu visinho, coitadinha?

—Acho que não escapa. Aquilo foi mau olhado, ou bruxedo que fizeram à moça. Tão alegre, tão...

—Diz que é da bexiga?

—Não, senhora. Foi de um dia para o outro, que ela inda no domingo antes esteve a dançar e a tantar como o costume, ali com a Zéza e o Bento do Engêitado. Aquilo, o senhor me não escalgue, mas foi mau olhado.

—Cruzes! Uma rapariga tão forte... E ela porque se não péga com o S. Bentinho milagroso?!... Olhe que para estas doenças é como água no lume.

—Não tem faltado promessas. A S. Bento não sei. Talvez lhe esquecesse... Ora, deixe estar, que lh'o vou dizer.

—Ai, a Mariquinhas não faz conta como o S. Bentinho faz milagres. Aquilo é promessa e hora em ponto. Outro dia, a do Eirado que tem um filho para viver, apegou-se com elle... Olhe, eu até nem sei se lhe diga... A Mariquinhas não diga nada. Ele, a gente não sabe ao que chegará. O rapaz, o filho da do Eirado, inda meija na cama. Coitado! Doenças. Vai ela pegou-se com o S. Bento, a vê se aquilo lhe passava. Sim o rapaz já está para ser livre... Era uma vergonha... E vai depois, olhe o rapaz sarou. Nunca mais mijou na cama. Quer que lhe diga? Eu, assim... Nunca mais mijou! Foi hora em ponto.

—Meu rico S. Bentinho!...

—É verdade. Mas quer vêr? A do Eirado tinha prometido levar ao santinho duas rasas de sal no dia da romaria. Vai, depois vem a romaria e ela não foi lá. Que ficava para o outro ano; o trabalho que era muito e que para o ano que ia lá. Espera pela volta. O S. Bentinho é que não esteve para esperar, e—sabe

Pelo embaratecimento do pão

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

Ouvindo o Ex.^{mo} Snr. José Fernandes Ribeiro Gomes, digno Secretário da Administração e Delegado-interino do Governo

Prometemos não deixar de gritar contra o exorbitante preço do pão e pôr as claras o espirito ganancioso de meia-duzia de potentados cínicos e máus.

É sincera a razão que marcou esta directriz e julgamo-nos razoáveis nas considerações que vimos apresentando, colorindo a Fome ou esfumilhando o Egoismo, a ponto de centenares de creaturas nos incitarem a proseguir nesta campanha nobre e elevada.

No propósito de bem informar o público, conhecidas certas diligencias feitas, lá fomos ouvir o Ex.^{mo} Sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, digno secretário da Administração e Delegado-interino do Governo.

Trocados os cumprimentos do estilo, S. Ex.^a antiu ao nosso desejo e diz achar justissima a nossa campanha pelo embaratecimento do pão, tendo a declararnos que, embora houvesse conseguido um entendimento com os industriais de padaria, não podia ir além do que fez, isto é, reduzir para 90 centavos o preço do pão de milho, em virtude de não haver tabelamento pelo qual pudesse obrigar, a uma maior redução, os referidos industriais.

Contudo, espera vêr efectivada a promessa que lhe fizeram, porque ninguém mais do que elle deseja ver melhoradas as condições de custo de vida, especialmente no que é relativo ao pão, único alimento a que a classe pobre se agarra.

—Mas não será ridiculo o abatimento feito, interrogamos?

—Não. Segundo o que elles declaram, uma raza de pão cosido rende 22 quilogramas e vendido a \$90 ctvs. prefaz uma quantia de 19\$80 ctvs. Ora custando o pão Esc. 18\$00, vê bem que lhes restam 1\$80 para lenhas e trabalho, o que pouco é.

—Mas então não é verdadeira a declaração feita pelo illustre engenheiro-agrônomo, Dr. Mota Prego, declarando, com o faz em o último numero do nosso jornal, que é exorbitante o preço do pão?!...

Talvês que sim. E atendendo a isso resolvi, caso não seja nomeado novo Delegado do Governo, reunir a Comissão de Subsistencias e ouvir de cada membro dessa Comissão da qual tambem faz parte o senhor Dr. Mota Prego—as exposições relativas a este assunto, agindo então de conformidade com o que se resolver e com o que me parecer mais justo.

O cargo que ocupo, ou seja o de Administrador emprestado, inibe-me de tomar providencias sobre qualquer problema que me appareça, a não sêr que se trate de um caso de força maior, pois a minha acção limita-se apenas a dar despacho ao expediente, e não considera abuso estas resoluções por mim tomadas?

Creia, meu caro amigo, que muitas outras coisas deveriam sêr tratadas com toda a enegia, mas infelisi-

mente a Autoridade não tem quem fiscalise as ordens por ela emanadas...

Infelizmente não podendo andar a percorrer as padarias a fim de vêr se cumprem ou não o combinado...

Eis porque aproveito a ocasião de lhe pedir que façam a campanha a favor duma nova corporação de policia para assim não caírem responsabilidades sobre a Autoridade que, por maior força de vontade que tenha em reprimir os abusos, se vê isolada, e portanto, impotente para fazer uma repressão.

—É acção de V. Ex.^a findará com a promessa dos industriais de padaria?

—Amanhã tenciono convidá-los para uma nova reunião, e, do que se passar, comunicar-lhe-hei.

Despedimo-nos, agradecendo a gentileza com que fomos recebidos, e aguardamos as novas resoluções dos snrs. padeiros a fim de as apreciar-mos convenientemente e descobriremos o mal que arrasta milhares de criaturas para a Morte.

Intransigentes sempre, a a nossa missão há-de ser de guerra aos especuladores que sugam o sangue dos nossos semelhantes e auferem de lucro grossas maquiãs, num desplante que irrita e fere, num vampirismo que magôa e numa ferocidade que mata.

A benevolencia terá de ser banida até que nos convençamos do contrario.

Na guerra como na guerra.

Na Tesouraria da Câmara Municipal de Guimarães está em pagamento a renda das casas onde funcionam as escolas officiais do concelho, e relativa ao primeiro semestre do corrente ano civil.

Podem, porisso, os senhores procurar na referida Tesouraria os respectivos recibos.

* * *

Está tambem em pagamento o expediente e limpeza das escolas relativo ao ano económico findo, bem como o fornecimento de material, obras nos edificios do Estado, etc., e ainda o subsidio de renda de casa, nas escolas que não tem habitação, referente aos meses de Junho e Julho. Este subsidio que era abonado conjuntamente com os vencimentos é agora pago separadamente.

Podem, pois, os snrs. Professores mandar recebê-lo.

* * *

Está, enfim, resolvido neste concelho o problema dos célebres atrasos, e vão estas despesas ser pagas em dia, como convem, como é indispensavel, para prestígio do Regime. Só merece louvores a digna Câmara, e especialmente o presidente da Comissão Executiva, Snr. Dr. Mariano Felgueiras, com quem o Snr. Inspector Escolar se entendeu neste assunto.

Este funcionario só encontrou boa-vontade não só da parte da referida Comissão Executiva, a que tem presidido o Snr. Dr. Antonio Portas, mas ainda do Chefe da Secretaria, Snr. Gomes Alves.

* * *

Os senhores que desejarem aumento de renda devem fazer a notificação indicada na lei do inquilinato.

* * *

Continuar: a cargo das Inspeções Escolares todos os serviços que competiam ás Juntas, enquanto se não organizarem as secretarias distritais ou se revoga o Decreto n.º 10.776 que extinguiu as Juntas Escolares. As folhas dos vencimentos do mês corrente foram enviadas ao seu destino no passado dia 8. Trata-se já de processar as do mês de Setembro, a fim de seguirem tambem até ao dia 8 daquêle mês.

que mais, Mariquinhas?!...—o rapaz na última noite da romaria tornou a mijar na cama. Mes aquilo é que foi!... Mijou tudo, por cima e por baixo, até pingar no chão. Aquilo é que foi!... E diga agora que não foi milagre... Eu, coisa assim... Mijou tudo!

—Em nome do Padre,...

D. S.

SERMÃO

Realmente notavel e brilhante o realisado pelo Reverendissimo Bispo de Evora, no passado domingo, no templo da Oliveira. Palavras de fé e palavras de justiça. Muitos dos puros que estavam no Templo ficaram a sangrar. Deixá-lo. A verdade brilhou do alto do púlpito, confundiu muitos tratantes para quem Deus é um dos meios de que se servem para os seus fins.

Vida Partidária

PARTIDO R. RADICAL

Convido os cidadãos filiados neste partido e residentes no concelho de Guimarães para uma reunião, que terá lugar no Largo da Oliveira, 13, ás 21 horas de terça-feira, dia 25 do corrente.

Ordem da noite: eleição da Comissão Municipal Política e dos delegados das freguesias.

Guimarães, 19 de Agosto de 1925.

O Presidente da C. M. P., Sousa Guerra.

700 e poucos escudos!!!

A entidade muito conhecida pela alcunha de P... p'rá Santa, insurge-se contra o agravamento de contribuições. Geralmente os que mais berram são os menos razão teem. A desfaçatez está-lhes na massa do sangue. Sabem quanto paga o cavalheiro conhecido por P... p'rá Santa? 700 e poucos escudos!!! Não estará o Estado a ser roubado? Pagando o dito esta quantia, não deveriam pagar outros muito menos? As suas propriedades estarão colectadas pelo seu real valôr? Porque é que as repartições competentes assim se deixam ludibriar? E ainda berra o cavalheiro! O sapo ainda é um animal util à agricultura!

PASSA-SE

A antiga mercearia Sequieira, à Cruz de Pedra. Para tratar com o seu proprietário, snr. Manuel Sequieira.

O PARLAMENTO

Assim como viveu... assim morreu.

Terminou a última sessão legislativa por falta de número suficiente para se proceder a votações.

O projecto urgentíssimo dos duodécimos não pode por isso ser votado, bem assim como o não puderam ser outras medidas de character urgentíssimo e importantíssimo para a Nação.

E assim, esse Parlamento em que tantas vezes os seus mais ilustres componentes, tão briosamente se insurgiram contra todas as tentativas de ditaduras, acabou por forçar um governo, que nunca tal desejou, a declarar-se em franca ditadura.

Inercia? Maldade?

Ambas as coisas. As lutas apaixonadas dos partidos, que para alcançarem o governo, menosprezaram os sagrados deveres para com a Republica, tiveram como fatal resultado a situação politica a que chegamos.

Li em qualquer jornal, que o país assistiu à última e tristíssima sessão do Parlamento com o maior indifferentismo.

Parece-me bem que não foi assim.

Ao ter conhecimento que fechara definitivamente esse malfadado Parlamento, bati as palmas de contente, absolutamente convencido que muito melhoraram as condições politicas da Republica.

Egual alegria me parece devem ter sentido todos os portugueses e muito especialmente todos os republicanos que conheçam bem a obra nefasta de tal Parlamento.

Morreu... como merecia.

O actual governo que será forçado a decretar os duodécimos em ditadura e presidir ao próximo acto eleitoral, vai assumir extraordinárias responsabilidades.

Necessário se torna, que durante o seu curto mandato ele exerça a sua governação sempre amarrado á mais absoluta economia.

A actual situação económica e financeira da Republica assim o exige.

O sacrificio enorme que se exige aos contribuintes, não pode resultar inutil, devido ao desbarato dos dinheiros públicos.

Seria o último dos crimes e a Republica saberia dignamente castigar os delinquentes.

A mais severa economia tem de presidir a todos os actos da governação pública.

Que a negregada lembrança do Parlamento que se foi, sirva ao País de lição para a escolha dos seus representantes.

O maior escrupulo devemos ter ao confeccionar as listas daquelles em que votaremos para nossos futuros representantes no poder legislativo.

Um discurso

e

Uma entrevista

Causou sensação o discurso cheio de desassombro, rude pela forma mas brilhante pelo que representa de verdade, do snr. General Gomes da Costa quando dos cumprimentos da officialidade da guarnição de Lisboa a S. Ex.^a o Ministro da Guerra.

Certos amigos da ordem, duma ordem feita a seu modo e criada pelos seus interesses, rejubilaram julgando talvez que o prestigioso general fosse mais um Tira-dentes reclamando as panaceias da rua dos Capelistas.

A esta hora o seu júbilo deve estar transformado em raiva.

Para essa súbita reviravolta deve ter sido bastante a entrevista concedida pelo snr. general a um redactor do «Diário de Noticias».

Há passagens dessa entrevista que são como chicotadas contundentes vibradas por um pulso forte aos lombos de certas alimárias.

Com a devida vénia, transcrevemos os trechos que julgamos mais a propósito:

«—Supõe-se que a atitude de V. ex.^a se relaciona com a de elementos que se tem manifestado ou pretendem manifestar-se de certa maneira...

—E' uma suposição errada. Não tenho responsabilidades nenhuma em acontecimentos anteriores, nem tenho ligações com nenhum partido ou grupo politico, nem com nenhuns elementos que por ventura trabalhem para as manifestações a que se refere...

—No entretanto, V. ex.^a trata de reagir contra a situação...

E' necessário que nós os republicanos nos unamos todos para seguros da victória, correremos para fora da representação nacional, não só os monárquicos que com este rótulo se apresentam, mas muito especialmente aqueles que escondem os seus principios retrógados e o seu ódio á Republica com uma caidela verde e vermelha.

A aceitação tola e cobarde que estes últimos tem tido desta Republica, é o que mais tem contribuído para os degradantes espectáculos a que infelizmente temos assistido.

Mário.

—Sem dúvida. Mas, precisamente por que no uso dos meus direitos e cumprimento dos meus deveres de cidadão, reajo contra ela, não estou nem quero estar ligado aos interesses desordenados que principalmente a definem. Se para mim a ordem, a autoridade, a disciplina, o direito, a familia, a propriedade são coisas essenciais, cuja conservação é preciso assegurar, não menos quero que desapareçam os abusos e males politicos, administrativos e economicos que se acumularam gravemente, com engrandecimento ou enriquecimento injusto de certos elementos, afundamento das classes medianas e pobres, desequilíbrio das forças sociais.

«—Não temos apenas de ver que os erros e culpas dos parlamentos e dos governos desenvolveram as despesas inúteis, consentiram a fuga dos melhores capitais colectaveis, amontoaram os deficits e as dividas, deixaram cair em ruínas o Exército, a Armada, as estradas, os edificios publicos, fizeram no fim vir impostos sobre toda a nação em carga esmagadora. Temos de ver que por cima das classes incapazes de de-feza, ou melhor, por cima do povo sacrificado, e contra a solidiedade nacional, certas companhias, sociedades e outros elementos do commercio, da industria e da propria agricultura vieram arruinando a economia geral do país, com explorações, com devorismos, fazendo a carestia, pondo lá fora somas colossais que nos fazem falta.

—Assim v. ex.^a joga indispensável...

—Julgo indispensável fazer muitas coisas, sem as quais não haverá nem Exército e Armada resistentes, nem ordem, nem cooperação, nem progresso.

—O nosso entrevistado expõe com elateza o muito que ha a fazer em todos os ramos de administração—e que corresponde a um programa politico.

—Em todo os tempos, os grandes reformadores, ainda quando eram monárquicos, buscaram e tiveram no povo, o seu apoio. É o povo o deus, para que o Estado possesse consolidar-se e progredir.

—Parece a v. ex.^a que isso deve ser feito por um governo militar?

—De maneira nenhuma. Nunca o pensei. Estão absolutamente enganados os que julgam que desejo a intervenção do Exército para estabelecer o militarismo governativo. Desejo um Exército preparado para para garantir a Portugal a segurança interna e externa e a integridade territorial. E pretendo, como toda a Nação pretende, e o pretende o Exército, uma governação capaz de realizar, pela acção dos homens bem intencionados e bem inspirados, um programa nacional com o apoio moral do país.

Estas palavras satisfazem-nos.

E' todo um programa a cumprir em prol do resurgimento nacional; é a voz dum militar ilustre erguendo-se em defesa das classes medianas e pobres; é um aviso a certos elementos que se engrandeceram ou enriqueceram injustamente; é o grito que depressa ecoará por todo o país:

Basta, vilanagem.

ra melhorar o jantar das asiladas, em sufragio da alma de seu falecido pai 100\$00; A. L. de Carvalho, para as asiladas, assistirem a uma missa por alma de Luis Ribeiro, 10\$00.

Total—1:180\$00.

—A Comissão Administrativa e as asiladas agradecem reconhecidas a todos os benefactores.

Lêde e propagai

“A Razão”

EDITAL

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães

Faz saber, para conhecimento de todos, que por espaço de trinta dias, a contar do dia 1 do proximo mez de Setembro, desde as 11 horas ás 16, se acha aberto o cofre municipal para a cobrança voluntaria das derramas especiais, para a construção do novo edificio dos Paços do Concelho, Avenida e Praça, e abastecimento de aguas da povoação das Taipas, como foi votado e aprovado.

Previnem-se os contribuintes que as colectas votadas que não forem pagas durante o prazo acima indicado, serão cobradas coercivamente, nos termos da Lei, com o agravamento de sellos, custas e juros de mora.

É para constar se publica o presente e outros de igual teor nos logares mais publicos e em um jornal da terra.

Guimarães, 14 de Agosto de 1925. E eu José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria o subscrevi.

o Presidente,

Mariano da R. Felgueiras.

Asilo de Santa Estefânia

Donativos recebidos durante o mez de Julho findo, oferecidos pelos ex.^{mos} snrs.:

D. Maria Ana de Melo Sampaio (Pompêiro), 4 alqueires de batatas; João de Couto Salgado, para as asiladas assistirem a uma missa por alma de sua falecida filha, 10\$00; D. Adelaide Martins da Costa (Aldão), 20 metros de pano cru, 9 carrinhos de algodão e 4 quarteirões de agulhas de coser; Albano de Sousa Guise, 500\$00; dr. Augusto José Domingues de Araujo, 40\$00; Antonio Alberto da Rocha Gui-

marães, 20\$00; Bento dos Santos Costa & C.^a Anonima, por alma de Francisco Ribeiro, 10\$00; A. L. de Carvalho, 20\$00; M. A. Saraiva de Carvalho Brandão, 1 peça de pano de linho; D. Maria José Sousa, 20\$00; D. Julia Leonor Pinheiro Machado Cardoso de Menezes e Ex.^{mo} marido Luiz Cardoso Martins de Menezes (Margaride), 100\$00; João Pedro Peixoto da Silva Bourbon, coronel de engenheiros, 3 alqueires de milho e um de ceuleto; Um beifeitor, uma pele de vitela, branca, curtida; Francisco José Lopes Correia, 27 pombo mortos; D. Adelaide Teixeira de Menezes, directora honoraria, 50\$00; João Cardoso Martins de Menezes (Margaride), pa-

PASSA-SE
A antiga merceria Sequeira, à Cruz de Pedra.
Para tratar com o seu proprietário, sr. Manuel Sequeira.

FAFE HOTEL CENTRAL (Vulgo da Felismina)

Fabricao especial de Pão de Ló e dôces finos
Pão de milho de superior qualidade

Unico depositário em Guimarães: **Casa Barbosa** Rua da Republica (Feira do Leite)

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES

DE

Manuel Jesus de Souza

17, Praça de D. Afonso Henriques, 20

Grande stok de especialidades farmaceuticas

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça de D. Afonso Henriques, 39 - (Toural)

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

GUIMARÃES

V. Ex.^a precisa comprar um serviço
para jantar, chá ou lavatório? ...

Recomenda-se a

: Antiga Louçaria Rezende :

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 -- PORTO

UNIÃO INDUSTRIAL

Armazem de cabedais, Ferragens, Cutelarias,
Pentes e artigos da industria vimaranense

Oliveira, Castro & C.^a, L. da

Fábrica Manual de Calçado

GUIMARÃES

A RAZÃO

3.º ANO

N.º 8

Redacção e Administração: Rua de Francisco Agra, 8 — GUIMARÃES

Ao Ex.^{mo} Snr.